

JORNAL DO BRASIL

19 DE NOVEMBRO DE 1957

ARTES VISUAIS

JB 19-11-57

Pintura brasileira e gosto internacional

Mário Pedrosa

Se isolarmos os pintores brasileiros da Bienal e os colocarmos, em boas condições técnicas de apresentação, ao lado dos pintores internacionais, o confronto nada terá de desfavorável a nós. Um Milton da Costa pode ser confrontado a um Hartung, a um Soulage, Pollok ou Santomaso, e suas qualidades intrínsecas aparecerão, do mesmo modo, sem desvalor. O mesmo se pode dizer, naturalmente, de um Volpi, cuja obra, em seu conjunto, é das mais importantes no cenário internacional. Mesmo os mais jovens, como Ligia Clark ou Ivan Serpa, ao lado dos bons artistas europeus ou americanos de sua geração, manterão sem dificuldade suas posições.

Almir Mavignier também está no mesmo plano. Aliás, Tanaka, representado na Bienal por duas telas, é dos melhores "ta-

A atual Bienal está consagrada ao "tachisme" e o pensamento implícito ou explícito do Juri internacional de premiação foi confirmá-lo. E seu fervor manchista foi de tal ordem que se sente o deliberado menosprezo com que passou pela sala de nossa pintura, sem se deter diante dos nomes mais consagrados dela.

Fingiram não ver Volpi, fingiram não ver Milton da Costa. Por um milagre, ou melhor, pela simpática e espontânea incoerência bem brasileira de Maria Martins, acabaram dando um prêmio de aquisição a Ligia Clark, por sinal que escolheram o mais fraco dos três quadros da artista.

O eminente Sr. A. Barr Junior, ao que se diz, proclamou ser todo aquele esforço "Bauhaus exercise". E também, pelo que ouvimos, o intrigara até a irritação, o fato de jovens artistas daqui e da Argentina se terem entregue a experiências chamadas concretistas. Irritara-o ainda a influência que Max Bill, por exemplo, chegou a exercer por nossas paragens; os estudos e a importância dados pelo excelente grupo de Nueva Vision, de Buenos Aires, a Mondrian, Wexler, Gildwart, Albers, Vantongerloo, Bill e outros tiveram o dom de impacientá-lo. Que preferia o ilustre ex-diretor do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Que os jovens artistas brasileiros ou argentinos se deixassem influenciar mais uma vez por Picasso, Rouault, Soutine ou mesmo por algumas das glórias descobertas pelo mesmo museu, gênero Peter Blume?

Mas o que não percebeu o autorizado crítico é que sua irritação provém de não ter encontrado, em Ibirapuera, uma pintura a seu gosto, ou ao gosto eclético hoje dominante em Paris ou Nova Iorque. E não encontrando nada que afagasse seus hábitos, desviou-se, como todo estrangeiro importante faz ao chegar às nossas plagas, na procura de tabas de índios e de revoada de papagalos. Em geral esta é a atitude da maioria dos críticos estrangeiros que nos visitam: ou querem uma pintura ou escultura (de boa qualidade, já se vê), mas que esteja dentro dos cânones estéticos e do gosto predominante na atualidade em seus próprios meios, a prioristicamente considerados mais adiantados ou pelo menos mais sofisticados, ou então alguma coisa de autóctone. Entendem, porém, por autóctone tudo que indique primitivismo, romantismo, selvagismo, isto é, no fundo exotismo. Não gostam de permitir aos nossos artistas uma pesquisa, uma linguagem que ao mesmo tempo seja moderna e não ao gosto do momento nos grandes centros europeus.

Predomina agora nesses centros uma arte de tendência romântica, ou melhor, anti-cultural, no sentido de preferir os valores ditos instintivos ou subjetivos aos valores plásticos mais puros. Têm horror, como homens cansados de cultura e de experiências estéticas, a tudo que lembre estrutura, ordem, disciplina, tensões, otimismo, beleza plástica, em suma. Ora, os nossos melhores artistas de agora não estão nessa linha: pior ainda: não se importam se o que atualmente estão fazendo não é o que está em moda na Europa ou Estados Unidos. Ou lá não é apreciado.

Um tal estado de espírito é para nós, brasileiros, muito auspicioso, e é necessário preservá-lo de todas as maneiras, pois será na medida de sua preservação que algo de novo e de especificamente nosso po-

chistas" parisienses, apesar da visível influência de Burri sobre ele.

Em relação a Tanaka, o que se pode dizer é que sua linguagem é cosmopolita, quer dizer, parisiense. Quanto a Almir Mavignier, cuja técnica é perfeita, deixa passar as suas inatas qualidades sensíveis, mas é pela disciplina e pensamento um autêntico concretista da escola de Bill. Reina agora nas redondezas de Ulm-Zurique uma fuga às figuras geométricas puras e às definições espaciais por meio da linha e dos contornos. Querem usar a cor, e, principalmente, o seu esbatimento ou o sfumato, para definir sugerindo apenas os limites entre formas e as variações espaciais. De modo exímio, Almir aplica a idéia em Três Centros e Duas Figuras, ao passo que em Formas Plásticas a invenção é mais individualizada.

e cuja designação ainda, portanto, é difícil dar.

Uma coisa, porém, é certa: os seus fundamentos estilísticos e estéticos estão aparecendo e se vão delineando, lenta, mas progressivamente. Ora, isto é um fenômeno cultural e mesmo espiritual importante demais para ser desprezado e trocado pelo gosto eclético ou rigoroso, excelente ou não, do Sr. Barr Junior e de seus eminentísimos confrades internacionais

derá surgir. Revela pela primeira vez um pensamento, um sentimento de independência que se vai generalizando entre os melhores de nossos artistas. De um Volpi a um Milton da Costa, de Franz Weissmann a Ligia Clark, de Ivan Serpa a outro jovem pintor moderno daqui ou de São Paulo, reina o mesmo estado de espírito; uma espécie de embrião de escola, cujas características fundamentais é cedo para tentar definir

NOTICIÁRIO



"FORMAS" — RIGGIANI



"VASO" — MORANDI

HOJE: "DEZ ANOS DE PINTURA ITALIANA"

Inaugura-se, hoje, às 17h30m, no Museu Nacional de Belas-Artes, a exposição "Dez anos de pintura italiana", organizada pela Bienal de Veneza por encargo dos Ministérios Italianos das Relações Exteriores e da Educação Italianos, com o propósito de percorrer os países da América Latina e dar uma visão ampla da arte italiana em nossos dias. A mostra reúne vinte e sete artistas, num total de cento e quatro quadros de todas as tendências modernas representadas por seus seguidores na Itália. São os seguintes os artistas que participam da exposição: Afro, Biondi, Campigli, Cantatore, Carena, Carrà, Casorati, Cassinari, Cesetti, Corpora, De Pisis, Guidi, Guttuso, Menzio, Morandi, Moreni, Morlotti, Paulucci, Reggiani, Rosai, Saetti, Santomaso, Somigliani, Tosi e Vedova.

CONFERÊNCIAS

Três conferências serão pronunciadas no correr da mostra "Dez anos de pintura italiana". São as seguintes: dia 21, às 17 horas: "A pintura de Ottone Rosai", pelo Professor Fernando Capechi; dia 22, às 17 horas, "Início e atualidade do modernismo italiano", pelo Professor Mário Barata; dia 23, às 17 horas, "A pintura de Morandi", pelo Professor Mário Pedrosa.

O PETIT SALON

Um grupo de franceses organiza um "Petit Salon" de pintura que será inaugurado na Maison de France na terça-feira, 26 de novembro. Este "Petit Salon" estará aberto a todos os artistas brasileiros: cinco (três pintores, um escultor, um desenhista) convidados "hors concours" e quinze escolhidos entre os candidatos por um júri composto de personalidades francesas.

Será conferido um "Prêmio do Petit Salon" oferecido pela Associação de Cultura Franco-Brasileira: uma viagem de um mês a França (três semanas em Paris, uma semana em uma província, à escolha do vencedor).

Os candidatos devem se inscrever antes de 20 de novembro e apresentar no menos duas obras (60 cm x 70 cm, no máximo).

Para todas as informações, dirigir-se a Jean-Pierre Hatévy, Maison de France, 9.º andar — Telefone 22-0023, de preferência pela manhã.

Paul Claudel

Salu em França, sob o título: "Paul Claudel e Sua Poetria", o texto dos discursos de Vladimir d'Ormesson e Daniel-Rops na Academia Francesa.

O Tribunal do Mundo

Está a sair pela Editora Vallecchi, de Roma, e despertando já grande curiosidade, a obra que Giovanni Papini deixou inédita. Chama-se "O Tribunal do Mundo".

Sagan

O último romance de Françoise Sagan será lançado brevemente pela Difusão Européia do Livro, em versão de Ana Mathilde Chaves. Trata-se da mesma editada que lançou os dois primeiros livros da jovem escritora francesa.

Ordem das Letras e das Artes

O Governo francês criou a Ordem das Letras e das Artes, que se destina a reconhecer oficialmente os méritos de quantos contribuem com suas obras para o engrandecimento da cultura. Assim, pois, já há comendadores, cavaleiros e oficiais entre os romancistas, poetas, músicos, pintores, gravadores, críticos e escritores franceses vivos. Por exemplo: Georges Duhamel, Jules Romains, André Siegfried, Gabriel Marcel, Robert Rey, Marc Orlan, Armand Salacrou, Francis Carco, Beatriz Dussane, Madeleine Renaud, Jean-Louis Barrault, Pierre Descaves, Louis Mithaud, René Dumesnil, Chevall, Gimond, Chapelain-Midy, Valéry-Radot, Brisson.